



O APRENDER E O ENSINAR NA CONCEPÇÃO DE CRIANÇAS

Emanoelli dos Santos Agostinhak (Graduanda em Pedagogia, Universidade Estadual do Paraná – Unespar/ Campus de União da Vitória). Amanda de Mattos Pereira Mano (Mestra em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP/Campus de Marília. Professora da Universidade Estadual do Paraná- Unespar/Campus de União da Vitória)

Contato: manu.pedagogia2014@gmail.com
amanda_mattosbio@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo traz os resultados e as discussões de um trabalho que buscou verificar as representações de estudantes do 5º ano do ensino fundamental, de uma escola pública em uma cidade do interior do Paraná, a respeito de quem aprende e quem ensina. Para tanto, 20 crianças foram participantes da aplicação de dois instrumentos para coleta de dados: o primeiro consistiu numa adaptação do “teste do par educativo”, no qual solicitou-se um desenho em uma folha de papel sulfite dobrada ao meio, onde de um lado deveriam desenhar quem aprende e do outro quem ensina. No segundo, pediu-se às crianças que redigissem uma história acerca dos elementos que foram desenhados. Por meio de uma análise qualitativa do conteúdo dos desenhos e das redações identificou-se a concepção das crianças sobre o aprender e o ensinar. Desse modo, para a maioria dos participantes quem aprende, é uma pessoa que está sozinha e na escola e o aprender está ligado apenas aos conteúdos que a eles são ministrados, por sua vez, quem ensina, na perspectiva dos participantes, são os professores da escola, ou ainda, alguém da família. A partir das representações encontradas, pode-se inferir acerca do pensamento das crianças sobre o ensino e a aprendizagem e, com isso, podem ser buscadas novas alternativas maneiras de significar a escola e os processos de construção do conhecimento.

Palavras-Chave: Concepções. Ensino e Aprendizagem. Ensino Fundamental I.

INTRODUÇÃO

O desenho tem uma fundamental importância na vida da criança, uma vez que por meio desse recurso, ela pode se expressar de diferentes formas, seja com o que vê, sente ou imagina e vai descobrindo diferentes formas e significados com o desenrolar da idade da criança. Segundo Piaget e Inhelder (2011, p. 61):

O desenho é uma forma de função semiótica que se inscreve a meio caminho entre o jogo simbólico, cujo mesmo prazer funcional e cuja mesma autotelia apresenta, e a imagem mental, com a qual partilha o esforço de imitação do real.

Assim, sabe-se que o desenhar para as crianças é muito importante, uma vez que une o imaginário e o real da criança. Quando os pequenos desenham eles desenvolvem seu cognitivo, sua criatividade e expressam o que estão sentindo.

O desenho infantil passa por distintas fases, em consonância com o desenvolvimento da criança. Dessa maneira, tal qual ao plano cognitivo, a representação gráfica vai pouco a pouco sendo aperfeiçoada, tendo seu início nas garatujas até a fase de um desenho concreto, representados por meio do realismo visual.

Piaget e Inhelder (2011) explicam a evolução do desenho na criança, citando os estudos de Luquet, afirmando que o desenho infantil é realista na intenção, isto é, a criança começa desenhando o que sabe sobre uma imagem ou objeto, sem necessariamente, exprimir graficamente tal qual eles são.

O realismo do desenho passa por diferentes fases, sendo o fortuito, o gorado, o intelectual e o visual. O realismo fortuito, tem início por volta dos 2 anos e, inicialmente, tem-se o desenho involuntário, no qual a criança realiza seus rabiscos e traços sem intenção. Logo em seguida, o desenho passa a ser voluntário, por meio do qual a criança, pouco a pouco, tem intenção em desenhar e passa a dar significado ao que desenhou. No entanto, os significados de seus desenhos serão sempre diferentes.

Por volta dos 4 anos, inicia-se o realismo gorado ou fase de incapacidade sintética. Nesse momento, a criança desenha objetos onde os elementos estão justapostos em vez de estarem coordenados num todo, ou seja, os desenhos são independentes, podendo assim aumentar ou omitir partes do desenho (LUQUET, 1967).

Pouco tempo depois, por volta dos 6-7 anos, tem-se início aos desenhos ancorados no realismo intelectual, nos quais ela consegue mais fielmente representar modelos e objetos, desenhando o que vê e também elementos ausentes (mas que para ela são importantes). Por exemplo, ao desenhar uma grávida, desenha não somente o corpo feminino, mas revela na transparência do desenho o bebê na barriga da mãe.



A última forma de realismo, o visual, aparece nos desenhos infantis, por volta dos 8-9 anos, no qual o desenho não representa o que é visível de um ponto de vista perspectivo particular, mas leva em consideração a disposição dos objetos segundo um plano de conjuntos e suas proporções métricas.

Acompanha-se que os traços da criança vão evoluindo, conforme seu desenvolvimento intelectual. Assim, aperfeiçoa-se para traços mais específicos, usando movimentos livres que expressam suas ideias e pensamentos. O desenho da criança não se limita apenas no instante em que ela está desenhando, mas aos vários momentos de sua vida (SILVA, 2002).

Dito isso, se a criança está inserida no ambiente escolar, ele pode representar por meio do desenho sua relação com a escola, com o aprender e com os agentes de ensino. A esse respeito Sakai et al. (2012, p. 223) destacam que

[...] a análise das produções gráficas é considerada como técnica projetiva e fornece informações sobre conflitos e fantasias relativos a aspectos que a pessoa examinada não tem conhecimento, não quer ou não pode revelar, ou seja, seus aspectos mais profundos e inconscientes.

Uma maneira de conhecer a concepção das crianças sobre a relação de ensino e de aprendizagem dá-se por meio da aplicação do Teste do Par Educativo. Para sua aplicação, em linhas gerais, é solicitada à criança que desenhe alguém ensinando e alguém aprendendo e por meio das representações, são feitas análises que sugerem como a criança concebe esse processo (SAKAI, 2012).

Neste artigo, teve-se a intenção de realizar uma adaptação do Teste do Par Educativo, para ser aplicado junto à crianças do 5^o ano do Ensino Fundamental. Justifica-se a escolha desse grupo escolar, por tratarem-se de crianças que brevemente passarão por um momento de transição do Ensino Fundamental I para o II e, muitas vezes, essa mudança pode não acontecer de maneira tranquila, ocasionando em dificuldades de adaptação às novidades escolares, refletindo em dificuldades de aprendizagem.

Acredita-se que olhar para a criança, para seus sentimentos e ideias sobre questões do mundo social, por exemplo, a escola, permite que educadores e futuro educadores reflitam em suas ações pedagógicas e no clima escolar oferecido.

Sendo assim, Guimarães et al. (2012) e Saravali et al. (2013) realizaram uma pesquisa com o objetivo de investigar as crenças de crianças e adolescentes sobre o não aprender. Para isso, participaram do estudo 80 escolares do interior de São Paulo, com idades entre 6 e 16 anos. Tais participantes foram submetidos em um primeiro momento a desenhar uma pessoa que aprende e uma que não aprende. Em um segundo momento, as pesquisadoras



efetuaram a análise de uma história envolvendo uma situação problema em sala de aula sobre um aluno que não aprende e para finalizar foi apresentado aos participantes um curta metragem, no qual deveriam dar sua opinião sobre os acontecimentos mostrados. Os principais resultados obtidos indicaram que quem aprende é o aluno que vai à escola, presta atenção e dedica-se aos estudos e que já sabe ler.

Nos dois estudos apresentados, o foco principal de pesquisa era a não aprendizagem. No entanto, pudemos acompanhar também as ideias dos participantes sobre quem aprende e quem ensina. Assim, diante dos resultados apresentados nas pesquisas que descrevemos, verifica-se através que a aprendizagem tanto para as crianças quanto para os adolescentes estão relacionadas à escola e à vontade do aluno em aprender.

A partir disso, o presente estudo teve por objetivo investigar a concepção de crianças sobre quem aprende e quem ensina, junto à alunos do 5º ano, uma vez que elas estão em um ano de transição escolar do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II e suas concepções, certamente, influenciam como elas lidam com o ensino e com a aprendizagem.

1 METODOLOGIA

Partindo destes pressupostos realizou-se uma pesquisa com 20 crianças, com idades entre 10 e 11 anos, matriculadas no Ensino Fundamental de uma escola pública no interior do Estado do Paraná. Foram utilizados dois instrumentos para a coleta dos dados, sendo o primeiro uma proposta de desenho, em adaptação ao Teste do Par Educativo (VISCA, 2008; SAKAI, 2012), no qual as crianças teriam que representar, segundo seu ponto de vista, uma pessoa que aprende e uma pessoa que ensina. O segundo tratou da proposição de um pequeno texto, onde deveriam contar uma história sobre o que desenharam, isto é, sobre quem aprende e quem ensina.

Ressalta-se que as situações utilizadas para a coleta de dados são uma adaptação do Teste do Par Educativo (VISCA, 2008), uma vez que, originalmente, o teste deve ser aplicado individualmente e não é solicitada uma redação após o desenho, mas uma descrição dos personagens representados. No entanto, não buscou-se um diagnóstico dos participantes, mas suas representações acerca dos temas ensino e aprendizagem.

Dessa maneira, os responsáveis pelas crianças receberam um termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE e, somente após as respectivas autorizações, a pesquisadora solicitou às crianças que fizessem o desenho e em seguida a pequena redação.

Os dados foram analisados qualitativamente, considerando os elementos presentes no desenho e o conteúdo das redações. Logo em seguida, os resultados puderam ser caracterizados.

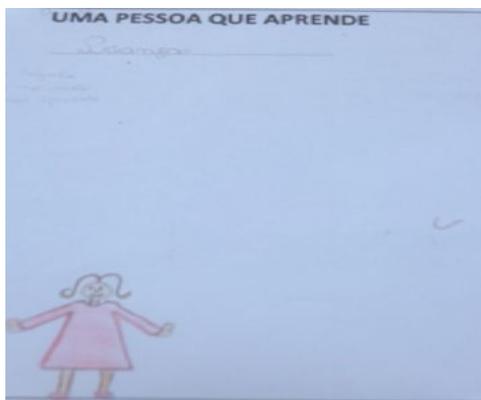
2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, serão apresentados os resultados dos desenhos que representaram uma pessoa que aprende. Observa-se que em tais representações pode-se observar a presença de elementos que indicam a relação da criança com a aprendizagem. Desta forma, a partir de indicadores presentes nos desenhos, encontraram-se as seguintes categorias:

- **As pessoas aprendem sozinhas**

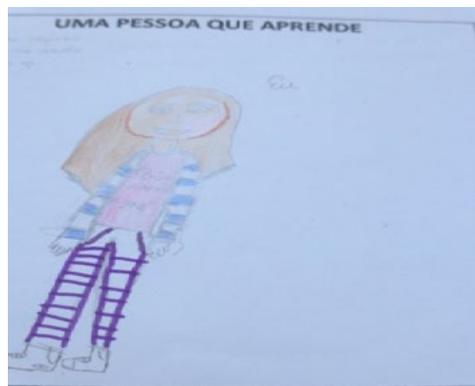
Nestas concepções reveladas nos desenhos das crianças observa-se que a aprendizagem é entendida como sendo um momento solitário. Vejamos os desenhos, a seguir.

Desenho 1 – As pessoas aprendem sozinhas



Fonte: dados da pesquisa

Desenho 2 – As pessoas aprendem sozinhas



Fonte: dados da pesquisa

- **As pessoas aprendem na escola**

Os desenhos que apresentaram uma pessoa que aprende inserida no ambiente da escola foram enquadrados neste indicador, conforme podemos observar nos desenhos.



Desenho 3 – As pessoas aprendem na escola



Fonte: dados da pesquisa

Desenho 4 – As pessoas aprendem na escola



Fonte: dados da pesquisa

Nas redações que explicam os personagens que aprendem confirmam as representações, por meio das seguintes afirmações:

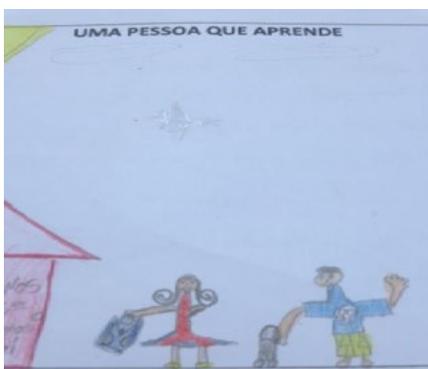
Na escola aprendemos português, Matemática, História, Geografia [...] (GAB¹, 10 anos).

Olá, eu sou um estudante e eu estudo na escola [...] e aprendo várias coisas para não ser burro (GUI, 10 anos).

As pessoas aprendem em dupla ou grupo

Os desenhos que apresentaram que o aprendizado pode ocorrer em dupla ou grupo, conforme podemos observar nos desenhos.

Desenho 5 – Aprendizagem em dupla



Fonte: dados da pesquisa

Desenho 6 – Aprendizagem em grupos



Fonte: dados da pesquisa

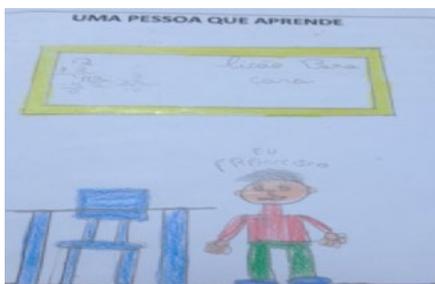
- **As pessoas aprendem conteúdos específicos**

Obtiveram-se desenhos que retrataram a aprendizagem ligada aos conteúdos da Matemática e de Língua Portuguesa, conforme os desenhos em sequência.

¹ Para preservar os participantes indica-se no excerto apenas as três letras iniciais de seu nome.



Desenho 7 – Aprendizagem ligada à Matemática



Fonte: dados da pesquisa

Desenho 8 – Aprendizagem ligada à Língua Portuguesa



Fonte: dados da pesquisa

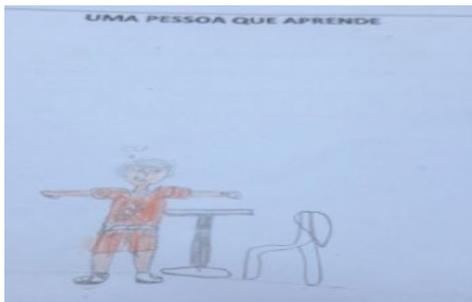
Na redação de um dos participantes essa especificidade do aprender foi relatada:

A pessoa que aprende, aprende muitas coisas de Português e Matemática (VIT, 10 anos).

- **O aprender está ligado à própria criança**

Nesta categoria, estão os desenhos que retratam que a aprendizagem é algo que acontece com a própria criança, isto é, ela é um sujeito que aprende.

Desenho 9 – Aprendizagem ligada à criança



Fonte: dados da pesquisa

Desenho 10 – Aprendizagem ligada à criança



Fonte: dados da pesquisa

Encontrou-se essa relação positiva com a aprendizagem, também nas redações.

Vejam os:

Eu me desenhei porque eu estudo, e estudar é aprender, não é mesmo? Aprender é super legal. (SAB, 10 anos).

- **O aprender está ligado à outra pessoa**

Algumas crianças participantes representaram que o aprender está ligado a outras pessoas, isto é, quem aprende é o outro e não ela mesma, conforme os desenhos.

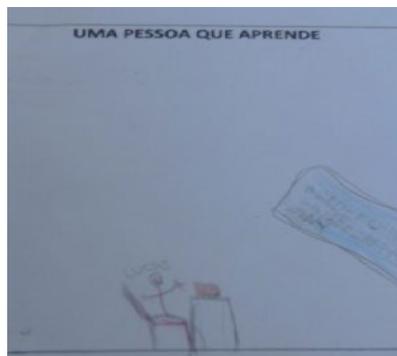


Desenho 11 – Outra pessoa que aprende



Fonte: dados da pesquisa

Desenho 12 – Outra pessoa que aprende



Fonte: dados da pesquisa

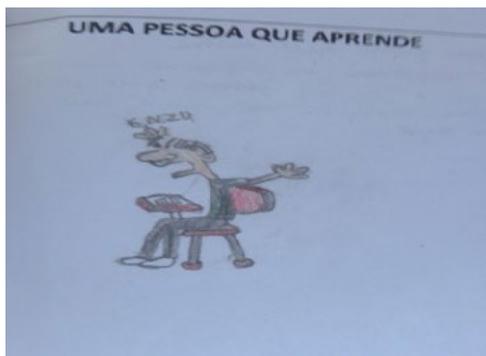
Ao contrário da categoria anterior, na qual o participante reconhecia-se como aprendiz, neste momento, o aprender torna-se próprio a outra criança. É o caso de:

Eu desenhei uma aluna perguntando para a professora sobre a matéria porque pergunta aprende (MAR, 10 anos).

- **O aprender está ligado à expressão de tristeza**

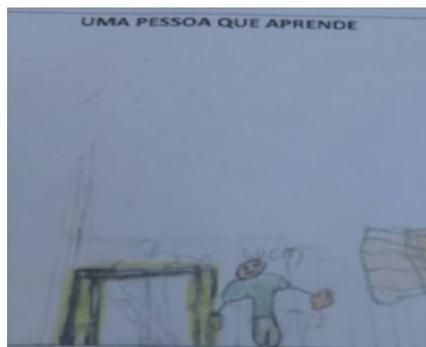
O desenho em que o aprendizado ocorre a um momento de tristeza e solidão. Até mesmo o desespero foi representado, acompanhemos.

Desenho 13 – Aprender ligado à expressão de desespero



Fonte: dados da pesquisa

Desenho 14 – Aprender ligado à solidão e tristeza



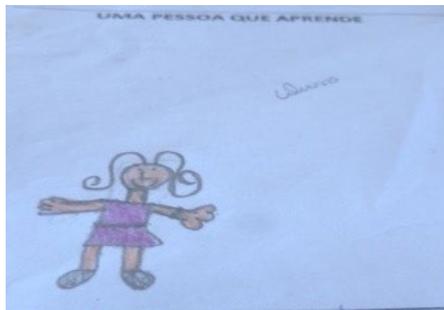
Fonte: dados da pesquisa

- **O aprender está ligado à expressão de alegria**

Em oposição ao apresentado anteriormente, apresentam-se desenhos em que o aprender retratado é um momento prazeroso e alegre.

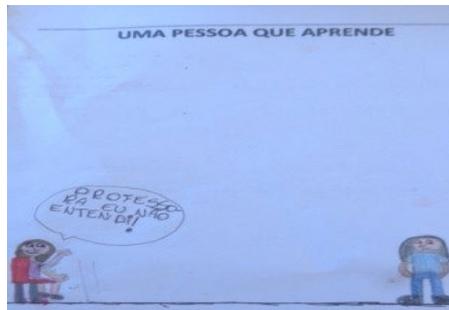


Desenho 15 – Aprender ligado à alegria



Fonte: dados da pesquisa

Desenho 16 – Aprender ligado à alegria



Fonte: dados da pesquisa

Torna-se importante, ainda, elencar dois desenhos que se obteve, nos quais a pessoa que aprende foi desenhada de costas. Assim, não se pode observar a expressão dela quanto à aprendizagem. No entanto, tal desenho de acordo com Visca (2008) pode representar uma atitude negativa em relação ao aprender.

Desenho 17 – Aprendizagem não revelada



Fonte: dados da pesquisa

Desenho 18 – Aprendizagem não revelada



Fonte: dados da pesquisa

Com base nos 20 desenhos realizados pelas crianças obtiveram-se as seguintes frequências de representações, apresentadas na tabela 1, a seguir.

Tabela 1- Frequência de desenhos sobre o aprender

Categoria	Frequência de desenhos*
As pessoas aprendem sozinhas	16
As pessoas aprendem na escola	13
As pessoas aprendem em dupla ou grupo	3
Aprendizagem ligada à matemática	3
O aprender esta ligada à própria criança	12
O aprender está ligado à outra criança	10
O aprender está ligado à expressão de tristeza	06
O aprender está ligado à expressão de alegria	12
Desenhos de costas	02

Fonte: dados da pesquisa.

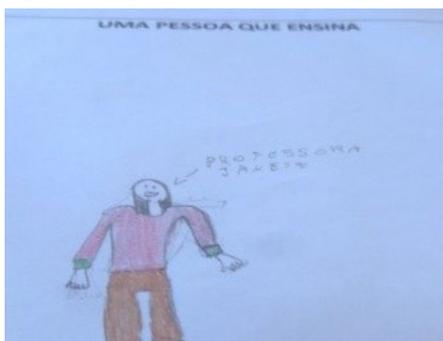
* De acordo com seus elementos, um desenho pôde ser enquadrado em mais de uma categoria.

Passa-se, agora, a apresentar os resultados dos desenhos que representaram uma pessoa que ensina. Em linhas gerais, observou-se a presença de elementos que indicam que o processo de ensino está ligado à família e a escola, na concepção das crianças. Assim, encontrou-se:

- **O ensinar está ligado aos professores**

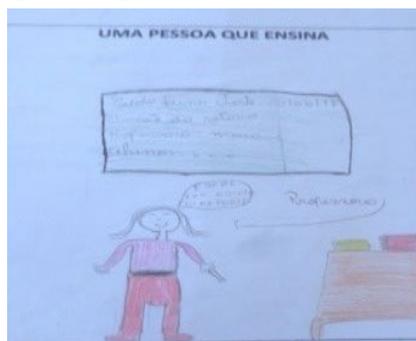
Tem-se nessa categoria, os desenhos que demonstraram a ideia de que quem ensina são os professores, conforme é possível acompanhar nos desenhos, a seguir.

Desenho 19 – Professores ensinam



Fonte: dados da pesquisa

Desenho 20 – Professores ensinam



Fonte: dados da pesquisa

Nas redações, os participantes afirmaram:

Um professor ensina e passa a tabuada e ensina também às crianças educação física (GAB, 10 anos).

Eu desenhei a professora porque todos sabem que as professoras ensinam e eu gosto muito delas (SAB, 11 anos).



- **O ensinar está ligado aos pais**

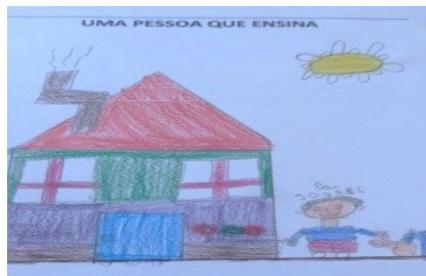
Nesta categoria estão os desenhos das crianças que acreditam que o ensino dá-se pela mediação dos pais, em especial, cabe às mães essa tarefa. Vejamos:

Desenho 21 – A mãe ensina



Fonte: dados da pesquisa

Desenho 04 – A mãe ensina



Fonte: dados da pesquisa

Alguns excertos das redações mostram que:

Minha mãe me ensina muita técnica de Matemática e Geografia e minha mãe me ensina muito (LUC, 11 anos).

A mãe tem que ensinar seu filho, preparar seu filho para a vida (VIN, 10 anos).

Em relação às frequências sobre uma pessoa que ensina, temos a tabela 2.

Tabela 2- Frequência de desenhos sobre o ensino

Categoria	Frequência de desenhos
As pessoas aprendem com professores na escola	16
As pessoas aprendem algum familiar	04
Total	20

Fonte: dados da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da presente pesquisa foi o de buscar, por meio dos desenhos e das redações das crianças, suas concepções de ensino e de aprendizagem. Deste modo, percebeu-se, na visão dos alunos, que a aprendizagem ocorre de diferentes maneiras, sendo que quem aprende pode fazê-lo sozinho, com amigos e no ambiente escolar.

Além disso, nem sempre a aprendizagem acontece de maneira prazerosa, pois observou-se em alguns desenhos representações de quem aprende com semblante triste ou irritado.

No que se refere ao ensino, percebeu-se que as crianças concebem o aprender com seus professores, porém, a presença dos pais também mostrou-se importante para as crianças sendo.

Este trabalho pretendeu subsidiar educadores e futuros educadores no que se refere às relações de ensino e de aprendizagem, visando processos que incluam as crianças como sujeitos ativos e, mais, que esses momentos sejam para os alunos, de alegria e prazer.

REFERÊNCIAS

- LOPES, J. C. **O desenvolvimento histórico do processo do estudo do desenho da criança**. 159 f. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade de Franca, São Paulo, 2001.
- LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Barcelona: Porto Civilização, 1969.
- PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. 5ª ed. Tradução Octavio Mendes Cajado. Rio de Janeiro: Difel, 2011.
- SAKAI, J. D. M. C. et al. Desempenho escolar e a relação professor-aluno por meio do teste do par educativo. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v.62, n, 137, p. 221-238, 2012.
- SARAVALI, E. G. et al. Desenhos sobre aprendizagem e não aprendizagem: a construção do conhecimento social sob o enfoque piagetiano. **ETD- Educ. temática digital**, Campinas, v. 14, n.2, p.140-163, jul./dez., 2012.
- SILVA, S. M.C. **A constituição social do desenho da criança**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- VISCA. J. **Técnicas projetivas psicopedagógicas e pautas gráficas para sua interpretação**. Bueno Aires: Visca & Visca, 2008.